

Ministério da Agricultura e Reforma Agrária

CONJUNTURA AGROPECUÁRIA
v.2, n.18, Maio. 1992



CPATU-1188-34

SECRETARIA NACIONAL
DE POLÍTICA AGRÍCOLA

III CONJUNTURA AGROPECUÁRIA



COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO

Informativo da Semana de 25/05 a 29/05/92 - Ano II - Nº 18

Arroz

Preços (Cr\$)	Média das 4 últi- mas semanas (*)	Variação % em 12 meses	S E M A N A	
			ANTERIOR	ATUAL
1 - MERCADO				
PAGO AO PRODUTOR				
RS (1) - (50 kg)	18.375 / 20.625	397	19.000 /	22.000 / 22.000 / 24.000
GO (2) - (60 kg)	16.375 / 18.375	609	16.500 /	18.500 / 18.000 / 20.000
ATACADO (fardo 30kg)(3)				
Agulhinha (à vista)	30.000 / 32.000	468	31.000 /	33.000 / 35.000 / 37.000
Agulhinha (a prazo)	37.095 / 39.565	532	38.750 /	41.250 / 43.750 / 46.250
Estados Centrais (à vista)	23.000 / 25.000	536	23.000 /	25.000 / 26.000 / 28.000
Estados Centrais (a prazo)	28.428 / 30.898	604	28.750 /	31.250 / 32.500 / 35.000
VAREJO (kg)				
SP (Agulhinha)	900 / 1.265	393	900 /	1.350 / 930 / 1.380
RJ (Agulhinha)	990 / 1.235	409	990 /	1.250 / 1.060 / 1.260
2 - PARAMETROS OFICIAIS				
PREÇO DE LIBERAÇÃO DE ESTOQUE - PLE		LONGO FINO	LONGO	
Período: 15/05/92 a 14/06/92 (60 kg)		38.030,00	27.861,00	
PREÇO MÍNIMO		23.296,00 (4)	20.562,00 (5)	
			18.736,80 (6)	
<p>(1) Rendimento 50 x 18, tipo 2, a granel, s/ICMS e s/INSS. (2) Rendimento 40 x 28, tipo 3, ensacado, s/ICMS e s/INSS. (3) Empacotado, posto São Paulo - Tipo 2 (4) Brasil (50 kg) (5) Sul, Sudeste, Centro-Oeste e Nordeste(MA) e áreas irrigadas do NE (60 kg) (6) Norte, MA e RO (60 kg)</p>				

O ARROZ DE SEQUEIRO NA REGIÃO CENTRO-OESTE

O arroz de sequeiro, tradicionalmente considerado como cultura de abertura de novas áreas, é conduzido basicamente em condições de cerrado, em solos de baixa fertilidade natural e baixa capacidade de retenção de água, sob risco de ocorrência de períodos de estiagem durante a estação de cultivo.

Por um longo período, o arroz de sequeiro ocupou a posição de abertura de áreas, para a formação posterior de pastagens ou para dar lugar a uma cultura mais rentável. Tal situação acabava inibindo o produtor quanto à utilização de uma tecnologia moderna, com o uso de insumos químicos e sementes melhoradas.

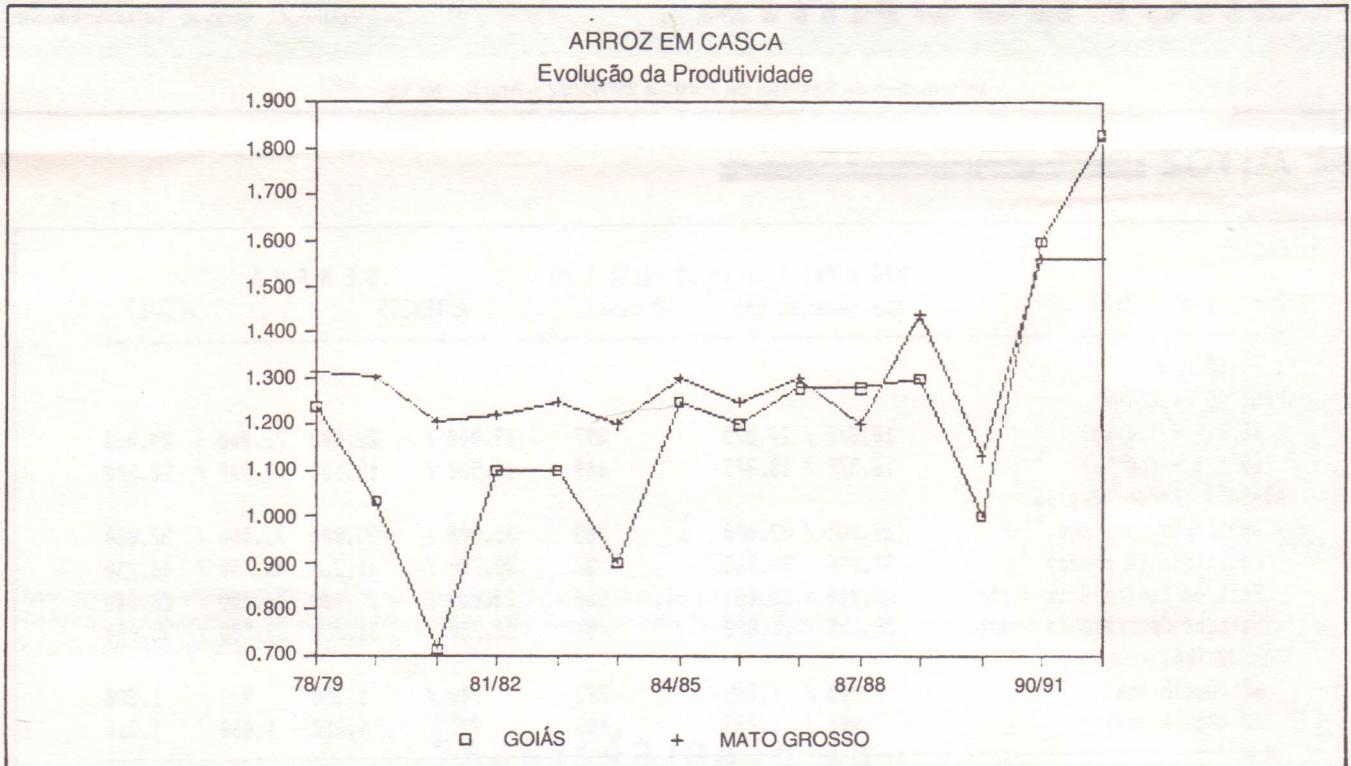
Ultimamente, esse quadro vem mudando e a cultura do arroz de sequeiro vem se consolidando dentro de um sistema agrícola tecnificado e rentável, induzindo também a entrada na atividade de produtores com maior nível de especialização. Tal fato tem ocorrido no Sudoeste goiano e no Leste de Mato Grosso, onde uma parcela significativa de agricultores passaram a cultivar o arroz

em rotação com a soja.

Foram introduzidas novas cultivares, com nível moderado de tolerância à brusone e à seca e de maior capacidade produtiva, quando comparadas às cultivares tradicionais. Entre elas destacam-se a Rio Paranaíba, a Guarani e a Araguaia, mais amplamente cultivadas na região. Recentemente, foram lançadas as variedades Rio Verde, para o Mato Grosso, e Caiapó, para Minas Gerais e Tocantins (com perspectivas também para os estados de GO, MT, MS, MA e PI). Estas variedades, agronomicamente, têm um comportamento semelhante às atual-

mente recomendadas. Entretanto, salientam-se quanto à melhor qualidade do produto: a primeira é menos acamadora e produz grãos da classe longo fino, e a segunda produz grãos muito próximos do padrão longo fino, porém destacando-se quanto ao rendimento de engenho e qualidades no cozimento.

Com efeito, nos últimos 5 anos, a produtividade média da cultura do arroz cresceu cerca de 40% no Centro-Oeste, saindo de 1.000 kg/ha na safra 1985/86 para cerca de 1.400 kg/ha na safra 1991/92 (veja o gráfico a seguir).



O uso de cultivares melhorados, o tratamento de sementes e o preparo do solo com aração, correção e adubação balanceada passaram a constituir um sistema de produção alternativo à monocultura praticada tradicionalmente na região. A aplicação de simulação do balanço hídrico da cultura, com base em dados locais de chuvas, permite a escolha da época de plantio e do ciclo da cultivar, de forma a evitar coincidência de estiagem com períodos críticos de sensibilidade. Essa tecnologia, associada às citadas anteriormente constitui importante fator para minimizar riscos climáticos e aumentar os rendimentos da cultura. Tais tecnologias também estão sendo usadas com sucesso pelo "Sistema Barreirão", desenvolvido pela Embrapa/CNPAF (Centro Nacional de Pesquisa do Arroz e Feijão), que permite a renovação de pastagens degradadas em consórcio com a cultura do arroz, usando o retorno financeiro desta cultura para custear o processo e ainda obter lucro. Esse sistema, que é assistido pelo PROAGRO, vem ocupando espaço no cerrado brasileiro, onde tem apresentado produtividades que variam de 1.800 a 2.100 kg/ha. Assim, espera-se que, à medida que houver uma maior difusão dessa tecnologia, provavelmente ocorrerá um incremento substancial da produtividade e da produção do arroz de sequeiro na Região Centro-Oeste.

Além disso, como resultado de tal processo e também de um progresso das técnicas de recepção, se-

cagem, armazenagem e beneficiamento do arroz de sequeiro, observou-se uma substancial melhora na qualidade e apresentação do produto beneficiado, com menor índice de quebrados e defeitos gerais e graves. Por outro lado, as variedades desenvolvidas pela pesquisa tem apresentado importantes ganhos de qualidade do seu produto. Tem sido comum observar variedades como a Araguaia, a Cuiabana e a Rio Verde, produzirem grãos que se enquadram no padrão longo fino (agulhinha). A pesquisa promete, para os próximos anos, importantes avanços neste sentido, colocando o arroz de sequeiro em situação bem mais competitiva, relativamente ao arroz irrigado.

Do ponto de vista mercadológico, a evolução na tecnologia da produção de arroz de sequeiro desencadeou uma nova mudança no perfil de consumo de arroz no Brasil, com o produto voltando a ser demandado em maiores quantidades nos grandes centros urbanos, até então considerados como mercado cativo do arroz agulhinha.

A partir de agora, à medida que se atingir melhores índices de produtividade, com a conseqüente redução do custo unitário de produção, é provável que o arroz de sequeiro volte a conquistar fatias crescentes do mercado e se firme como uma cultura de baixo risco e de retorno garantido. (Lidia Pacheco Yokoyama – EMBRAPA-CNPAF-GO/Jalbas Aires Manduca - CONAB/DIPLA).